SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

A

CIVILISAÇÃO DAS COLONIAS PORTUGUEZAS

PELA AGRICULTURA

CONFERENCIA E PROPOSTA

PELO SR.

VISCONDE DE CORUCHE

S. S. G. L.

LISBOA

TYPOGRAPHIA DE ADOLPHO, MODESTO & C.ª

Fornecedores da Sociedade de Geographia

Rua Nova do Loureiro, 25 a 43

1887

A civilisação das colonias portuguezas pela agricultura

SENHORES:

Sou dos primitivos socios d'esta benemerita sociedade, onde não costumo comparecer, por falta de ouvido para bem comprehender e acompanhar as discussões.

Só passivamente me tenho interessado no andamento dos seus importantes estudos, porque a minha incompetencia em assumptos geographicos e coloniaes não me auctorisa a formular opinião segura sobre trabalhos cuja pratica está completamente fóra da minha especialidade.

Tenho-me occupado principalmente de assumptos agricolas, que, por mais que haja pensado, nunca tinha podido reduzir a termos que podessem ser tratados n'esta sociedade sem melindrar inutilmente opiniões e interesses creados tanto nas colonias como no reino.

Todavia, desde que fixei as minhas idéas sobre um ponto de vista que se me afigura solido e de alcance, e desde que cheguei a conceber a possibilidade de uma solução justa, e relativamente suave, para estabelecer a evolução entre o estado evidentemente desordenado das sociedades modernas e o estado de desenvolvimento normal das sociedades futuras, não hesito em o affirmar tranquillo e independente das opiniões estabelecidas:—Se fôr falso, é mais um trabalho perdido; se fôr justo e humano, deverá poder ser realisavel, cedo ou tarde, em todos os paizes habitaveis.

O lado pratico por que encaro a questão, assenta n'uma base definida, onde me parece ver ligado o homem com civilisação intelligente, e ligado não só pelas tendencias naturaes do espirito, como pelas do corpo e dos interesses immediatos. Esta base é o *pão nosso de cada dia*, a vida real e perpetua do homem, selvagem ou civilisado, quer o pão seja considerado como sacrificio dos que teem de obtel-o para viver, quer como recompensa dos que o consomem para não morrer de fome.

Quando fallo no *pão*, refiro-me a qualquer base de alimentação, *sine qua non* da vida humana, de todas as gerações, de todos os climas, paizes, civilisações, raças e hierarchias.

O pão do homem verdadeiramente civilisado é feito de cereaes e não de raizes, de caça, de peixe, de fructos expontaneos que o selvagem colhe da natureza, nem tampouco de iguarias e golodices inventadas para paladares estragados ou insaciaveis.

No Brazil ha a mandioca, que póde, com vantagem, ser substituida

por cereaes. Insisto nos cereaes—trigo, milho, arroz, etc.—porque são e teem sido sempre a base alimentar das sociedades sobria e solidamente civilisadas e cultas, o que faz crêr que elles devem ter uma relação, porventura ainda mal estudada, mas ligada com o estado civilisado.

Não obstante ser lavrador, e ter perdido algumas cearas e ganho outras, nunca passo por ellas sem pensar, e pensar muito, n'aquellas modestas plantas, que, ondeantes nas campinas, me attraem a attenção! Não me elevam ás regiões ethereas do insondavel, mas inspiramme a realidade mysteriosa da vida actual do homem culto, como os monumentos antigos inspiram a realidade dos mysterios da vida das civilisações mortas, onde ficaram sementes vivas de cereaes cultivados.

O prazer e o desgosto que experimenta o lavrador de todas as gerações e paizes quando vê medrar ou destruir a ceara, «julgue-o quem não póde experimental-o».

*

* *

Durante annos pensei que as cearas, e a economia politica deviam estar afinadas pela sciencia dos sabios modernos; assim descansei, levado a principio, e arrastado mais tarde, quasi subjugado e conquistado pelas doutrinas que me foram ensinadas na escola, respeitando-as como dogmas, até que um dia, reflectindo-as, e desejando — permitta-se-me a comparação — digeril-as, profundal-as e analysal-as de perto, comecei a sentir uma certa desharmonia entre o principio e o fim, entre as theorias scientificas e as consequencias praticas da experiencia! Foi então que comecei a insurgir-me contra a moral falsificada pela economia politica, e contra a apologia da lucta entre forças desiguaes, cuja média dá aos mais fortes a certeza da victoria na concorrencia com os mais fracos desarmados! Não é meu intuito discutir as variadas theorias — caducas como as modas — que os sabios teem imaginado, e que os especuladores aproveitam para satisfazer o espirito com explicações dos factos reaes da natureza, e dos phenomenos invisiveis e caracteristicos das relações humanas, das suas raças, individuos e sociedades, distinctas umas, e outras mais ou menos crusadas ou aclimadas nas differentes terras. — Como quer que encaremos a humanidade espalhada no globo, desde os povos barbaros, primitivos e civilisados, até aos mais selvagens, modernos e incultos, desde as raças mais nobres, altivas, intelligentes e bravas, até ás mais grosseiras, mansas e estupidas, podemos considerar a especie humana como uma unidade comparavel a uma pyramide conica, com duas apparencias: a do plano visto de cima e a do perfil visto de lado ou de baixo.

A primeira tem por typo a simplicidade plana, redonda e lisa do homem brando, docil, resignado, voluntariamente inclinado á terra onde nasceu, no seu meio, onde cria relações, familia, casa e patria, onde vive sem ambições senão a de viver tranquillo, aproveitando apenas o que lhe é offerecido pelo meio que o rodeia, pensando só no futuro meio de continuar a viver tranquillo. Tem o caracter essencialmente conservador da vida passada, presente e futura. Parece que

não avança, mas não recua um passo, só reage nos momentos supremos, para salvar a vida, a terra e a casa. Personifica a eternidade immutavel, rigida e suave do tempo que não recua, mas que caminha sempre no mesmo circulo.

A segunda tem por typo o perfil accentuado, angular e agudo do homem duro, que não morre para salvar o futuro; mata, se preciso fôr, para se salvar a si. Ambicioso e irrequieto, cioso por natureza, prefere qualquer logar da terra que lhe proporcione commodidades ao corpo; não se contenta com os recursos do seu meio, muda de logar, fura, têm aspirações e instinctos dominadores, e essencialmente cosmopolitas mas nem sempre humanitarios; não se contenta em alcançar a fortuna, toma-lhe o passo, procura-a, provoca-a e conquista-a.

O primeiro typo faz lembrar o do lavrador, que conta com a alliança da providencia, do agricultor, onde se encontram germens das civilisações patriarchaes e tranquillas; o segundo recorda o do conquistador, que confia mais na alliança da sciencia, e no qual se manifestam os caracteres accentuados e definidos do progresso moderno.

Cheguei mais depressa do que esperava a um ponto capital.

Desejava chamar a attenção para estas duas palavras: *civilisação* e *progresso*! Duas cousas distinctas, funcções de relações naturaes entre os homens e as terras que habitam como povos, ou que percorrem como populações cosmopolitas, nomadas, invasoras, conquistadoras, ou onde são levados e nascidos como escravos ou senhores, colonos ou dependentes de outros homens.

A independencia dos primeiros só póde ser garantida pela conservação da terra patria, pela *civilisação*. A dos segundos só póde ser satisfeita pelo *progresso*, pela conquista, pela força, pelo roubo ou pela escravidão do homem pelo homem, ou dos fracos pelos fortes.

O *progresso* é inadmissivel sem liberdade de conquistar cousas novas e ignoradas; a *civilisação* é inadmissivel sem liberdade de conservar cousas velhas, tradicionaes, sabidas e estudadas.

Para conciliar o *progresso* com a *civilisação*, quer dizer, a paz e harmonia entre os homens, é necessario descobrir ou inventar uma base pratica da pyramide, sobre que assentem as sociedades humanas, de modo que, nem a *civilisação* — e quando digo *civilisação* e *progresso* não me refiro só a cousas materiaes, refiro-me tanto ao moral como ao material — é necessario pois que nem a *civilisação* seja sacrificada pelo *progresso*, nem este pela *civilisação*; precisam andar jungidos ambos n'uma só cabeça ou n'uma só lei, a lei solida e immutavel do progresso da civilisação humana, lei que ignoro se está já descoberta ou definida.

O que ninguem ignora, é que todas as grandes civilisações da India, Egypto, Grecia e Roma, representavam no seu tempo verdadeiros grandes progressos materiaes que cairam, tombaram, retrocederam, porque não conseguiram manter o indispensavel equilibrio entre as tendencias do perfil angular humano progressista e conquistador que aspirava a subir, com as da parte redonda, conservadora da civilisação, já então civilisada, que aspira a não descer. As ambições dos irrequietos não se subordinavam ás dos tranquillos, dos simples, dos pa-

cificos, e d'ahi provinha, e ha de sempre provir, o choque, a queda, a crise, o salto para um ou para outro lado, conforme o predominio abusivo de uma ou do outra das tendencias humanas.

Essa base pratica, ou ponto de apoio que mantem unidas e jungidas na consciencia de cada homem individualmente considerado, as tendencias irrequietas de melhorar de sorte rapidamente á vontade do homem ambicioso, com as tendencias pacificas dos que se resignam a progredir á vontade da natureza, está na agricultura, no esteio ou centro entre o plano e o perfil, entre a direita e a esquerda, entre a virtude e o vicio. Não me refiro a qualquer agricultura, mas a uma certa e determinada agricultura: á cultura dos cereaes, á cultura do pão, elemento perpetuo de vida de todos os povos cultos e civilisados de que a historia nos dá noticia até ao dia de hoje.

Para ir affirmando com exemplos a razão de ser d'esta doutrina de que estou possuido, direi que, se olharmos para certas nações modernas que consideramos como modelos de civilisação e progresso, se as encararmos sob o ponto de vista em que eu encaro a questão, e em que pretendo ver se consigo collocar o respeitavel auditorio que me dispensa a honra da sua attenção, veremos que essas nações, incontestavelmente conquistadoras e dominadoras, podem ser victimas do seu progresso, retroceder no caminho da civilisação por falta de cultura cerealifera, de pão e, consequentemente, da independencia necessaria para resistirem á corrupção inherente á fome.

Imaginemos que a riquissima Inglaterra, onde a indigencia é tal que não póde já ser remediada pelas esmolas, nem pelos tributos com que as classes ricas concorrem para alliviar a pobreza, imaginemos que, por qualquer eventualidade imprevista como a actual crise por que está passando a Europa, se vê forçada a restringir o seu commercio, a diminuir a producção das suas grandes machinas, a não encontrar consumidores que remunerem a sua industria, qual ha de ser o futuro da Inglaterra sem agricultura e sem cultura de cereaes? Como ha de viver sem pão, e sem meios para impôr ou fazer acceitar os seus productos ás outras nações e povos do mundo que lh'os teem acceitado até hoje, mas que podem escusal-os ámanhã, quando as suas industrias se tiverem igualmente desenvolvido?

Ou ha de declarar guerra ao resto da humanidade para se impôr a si e aos seus productos, o que será uma calamidade; ou ha de ter guerras intestinas em que os seus habitantes se expoliem, e extreminem e separem voluntaria ou violentamente, como parece estarem ameaçando as dissensões desgraçadas entre a Inglaterra e a Irlanda; ou ha de fatalmente ser obrigada a produzir por todo o preço o pão para comer, como já estão exigindo os trabalhadores ruraes de certos condados; ou, finalmente, ha de a maior parte da população da sua florescente ilha ir mendigar pelos estrangeiros o pão e os meios de subsistencia necessarios para não morrer, ou para não ser contaminada pelas tentações criminosas das massas descontentes e famintas.

Com que direito, com que justiça se póde obrigar o individuo a defender a patria, a pagar tributos, a empregar n'ella o seu tempo, os seus cabedaes, a sua actividade, o seu suor, se a patria, que é a

terra habitada, se a sociedade, que são todos os cidadãos, não pagam nem trabalham, nem ajudam, nem remuneram, nem retribuem os sacrificios que por ella se fazem?

Não ha direito nem justiça para exigir de um unico homem o mais pequeno sacrificio de trabalho ou de dinheiro, pela patria commum, que não dá pão, se todos os outros homens não garantirem com sacrificios proporcionaes o direito que esse unico homem, rico ou pobre, tem de ser remunerado pela terra, de ser compensado pela agricultura, e pelo pão que cria para viver, pelo menos, como o mais humilde dos independentes, n'uma patria independente, ou n'uma terra civilisada e humana!

*

* *

Ha dois extremos que na actualidade convém tornar salientes para obrigar a reflectir: são o *pão do corpo* e o *pão do espirito.*

O pão do corpo vem da terra, que precisa ser protegida; o pão do espirito vem do céo, que precisa não ser esquecido para moderar as tentações infernaes.

A agricultura de um lado, e do outro a arte do bello, as sciencias abstractas, moraes e religiosas, são as bases das civilisações. No meio ficam as sciencias muito positivas das grandes machinas a vapor, industriaes, commerciaes e financeiras, automaticas, precisas, frias e impassiveis, que podem governar-se a si melhor do que os proprios governos de todos os reinos da terra, sem ambições nem confiança segura na santa alliança com o reino dos céos.

Tem havido povos ricos e pobres que adoram o bezerro d'ouro, seja elle de ouro macisso ou de papellão dourado, e n'elle concentram o seu ideal.

Outros preferem o boi vivo, o bezerro de carne e osso, que marra quando o espicaçam, sujeita-se á canga quando o domesticam, e dá— permittam-se-me estas comparações extremas,—e dá bons biffes quando é engordado para o talho.

A tendencia portugueza pelas touradas faz crêr que o espirito meridional luzitano tem um ideal mais approximado do typo do homem simples, visto de face; mas não é rebelde ao progresso accentuado pelo perfil brilhante dos amadores do bezerro d'ouro... e tambem dos biffes. Isto prova que já por cá temos algum progresso material, embora não sejamos um modelo de civilisação moral.

Eu peço desculpa ao auditorio illustrado que me attende, se acaso apresento idéas, que pelo seu contraste e destaque possam ferir opiniões, interesses, ou modos de ver correntes, não é minha intenção criticar por mal, «Hony soit qui mal y pense»; não desejaria tampouco ser possuidor de um mau espirito revolucionario, allucinado, nem incompativel com a ordem de cousas estabelecida; mas, diremos nós, *tende paciencia,* — para dar uma idéa que para mim póde ser comprehensivel e para outros apenas sensivel, terei de ferir, ás vezes, com uma certa liberdade de imaginação, com um certo exagero mesmo, diversas notas dissonantes, para ver se consigo fazer

sobresahir a realidade das harmonias vivas, embora monotonas, da sociedade com a terra mediante o homem proprietario ou lavrador.

Não apello só para as intelligencias illustradas, apello tambem para as consciencias simples.

*

* *

A grande aspiração superior do homem, é a liberdade independente no meio da natureza ou da sociedade.

O nobre resigna-se a usal-a ou alcançal-a por sympathia, sem descer da sua posição, respeitando a dos outros, e respeitando as leis da natureza; é um delicado que ama só para merecer o amor dos outros, que ama para ser amado, respeitando tudo que lhe é superior e inferior.

O plebeu, quando sente esta grande aspiração, não se resigna a usal-a, a alcançal-a por sympathia, abusa, quer, trepa ou piza por força ou por vontade as leis naturaes e dos homens, é um grosseiro, um animal que ama ou odeia á maneira dos gatos e dos tigres.

O seu ideal não é merecer, é ter, possuir, conquistar tudo que lhe inspire cubiça, sem respeito pelas leis superiores nem inferiores.

E o typo do tyranno.

Não me resigno a considerar um dever humanitario obrigar o selvagem a trabalhar, ou a vestir-se quando ou emquanto elle não precisa. Isto poderá parecer excesso de delicadeza paradisiaca. Mas não me repugna admittir o direito de o obrigar a trabalhar, a elle ou a qualquer branco, no dia em que, por qualquer fórma directa ou indirecta, subtil ou ardilosa, tentam cercear, roubar, opprimir ou prejudicar a propriedade dos outros; e, debaixo d'este ponto de vista, poderei parecer grosseiro e brutal; mas tal qual o sinto agora, tal qual o digo.

Devemos reflectir que o homem não vive só para trabalhar, trabalha apenas para viver, e trabalha conforme a sua natural necessidade tendencia e vontade. Se o homem vivesse para trabalhar exclusivamente segundo a vontade dos outros e sem vontade propria, não havia razão justificativa da abolição da escravatura. Bastava regulamentar o trabalho dos escravos, como se pretende fazer para os trabalhadores assalariados das fabricas e grandes industrias.

O grande alcance da abolição da escravatura, d'essa justa propaganda que os portuguezes modernos realisaram, foi a liberdade do trabalho voluntario, a libertação do trabalho obrigatorio; por conseguinte, qualquer theoria que imponha ao homem a obrigação de viver para trabalhar, em vez de lhe ceder a faculdade limitada de trabalhar para viver sem lezar os outros, é um sophisma que redunda na escravatura não só dos negros, mas de todos os homens simples, embora distinctos e nobres, para serviço quasi exclusivo dos espertos embora grosseiros, e dos tyrannos da raça mais barbara e deshumana.

Cada vez regeito mais esta doutrina de utilitarismos egoista, não pelas suas consequencias praticas de incontestavel augmento de com-

modidades, de riquezas materiaes creadas á força de trabalho obrigatorio, mas pelas consequencias moraes e economicas, que resultam do trabalho forçado e assalariado que não póde deixar de ser mais caro e violento, do que o trabalho livre e voluntario, e não póde deixar de provocar o desenvolvimento dos sentimentos subversivos nos grosseiros que não comprehendem a razão de ser das cousas, ou não são naturalmente dotados de sentimentos nobres e resignados.

Por estas razões, começo a não sympathisar com o systema de civilisação por meio de colonos engajados. Parece-me mais liberal a colonisação provocada por direitos protectores dos productos creados, e pelo systema da emigração livre de homens consciente e voluntariamente expatriados pelo amor á terra e aos habitantes onde vão procurar fortuna, e d'onde tiram a subsistencia sem vexames, respeitando os seus similhantes, nos paizes onde são estrangeiros.

Por outro lado, não me repugna admittir o trabalho obrigatorio feito por criminosos ou forçados negros ou brancos, no reino ou nas colonias condemnados a quem o estado deveria alimentar, fiscalisar, e dár salario para trabalharem em obras publicas, ou em penitenciarias agricolas ou industriaes, organisadas para esse fim, conforme a gravidade dos delictos. Parecerá excesso de melindre, mas parece-me moralmente necessario impedir que nas penitenciarias agricolas sejam cultivados cereaes. E quereis saber porquê? Por ser a cultura sagrada, o meio de vida do homem livre, honrado, civilisado, culto, nobre e independente. Por outro lado, entendo que os lucros liquidos das culturas ou industrias de condemnados, não devem pertencer aos criminosos, mas sim ao estado, isto é, á sociedade.

Não devemos cair no exagero dos que suppõem que a riqueza das nações depende só da quantidade de gente que trabalha por salario; nem devemos suppôr que a riqueza das colonias depende apenas das riquezas naturaes das suas terras virgens e productivas, mas incultas.

Nem o homem é uma materia prima ou um animal, nem a terra um capital morto, como as machinas paradas ou como o dinheiro. N'esta distincção é que está o segredo da razão de ser da agricultura, como meio de civilisação, e d'ahi provém a differença fundamental que separa a agricultura da industria, quando esta faz do homem machina.

*

* *

Devemos precisar com mais insistencia o que se deve entender por agricultura civilisada.

A agricultura é a cultura de terras já cultivadas; não é uma causa nem um fim, é um meio de vida, uma razão de ser ou equação da existencia do homem que vive, ou precisa viver permanentemente n'uma certa e determinada terra, região, clima ou paiz.

O arroteamento de terras virgens, a exploração de fructos expontaneos ou de arvoredos, não é propriamente agricultura nem civilisação, é progresso, conquista, industria, melhoramento.

A creação de rebanhos em terras communs, baldios, tambem não é agricultura.

Em que consiste pois a agricultura?

Na conservação, quasi exclusivamente na perpetua conservação dos homens e das terras não só já cultivadas e apropriadas por particulares, mas defendidas pela communidade.

A agricultura civilisada é incompativel com o direito de posse da communidade, isto é, com o communismo; é só compativel com o direito de propriedade particular, salvo se todos forem lavradores de pão para comer, e ainda n'esse caso não impede que todos sejam igualmente guardas ou soldados, e trabalhadores obrigados a trabalhar de graça para si e para os outros.

O respeito pelo direito da propriedade particular da terra e das cousas é a lei sem a qual a agricultura é impossivel em paiz algum do mundo de gente livre; e essa lei póde positivamente apparecer, cedo ou tarde, em qualquer região do globo que tiver agricultura, porque é uma lei natural da constituição das sociedades de animaes intelligentes.

Não se póde prescindir da força publica nos paizes cultos para conservar e manter o progresso da civilisação, seja ella representada por policia, milicia, ou exercito; e portanto a civilisação dos paizes selvagens muito menos póde prescindir de força, para que n'elles se possa implantar a civilisação sem prejudicar o progresso, ou para acompanhar o progresso sem risco de perder o estado de civilisação relativa, que se vae pouco a pouco conquistando.

Parecerá á primeira vista que, ao fallar de agricultura, basta que as terras estejam cultivadas de qualquer cultura, café, vinha, canna de assucar, etc., para que um paiz se considere civilisado? Não é assim: pode ser um paiz rico, mas sem elementos de civilisação estavel, por falta de independencia material das maiorias dirigidas, e moral das minorias dirigentes. Falta-lhe o pão, o elemento principal da vida, para fazer de cada homem um independente ou um soldado forte para resistir com o corpo e com a cabeça á acção estranha que póde rendel-o pela fóme, enfraquecel-o pela miseria, ou corrompel-o pela astucia e traição de quaesquer habitantes que, reduzidos pela fóme e impaciencia, vendam mais facilmente a virtude civica do amor da patria pelo amor do oiro, ou pela salvação da vida.

A agricultura civilisada, base de todas as culturas que com ella se podem alliar, é a dos cereaes, sem excluir nenhum outro ramo, proprio da região.

Entre elles o trigo está tão ligado á civilisação européa, que não se sabe a sua patria ou origem certa, nem se conhece no estado selvagem.

Todas as plantas, mais ou menos, teem uma patria originaria e um typo bravo, uma região, sejam ellas oriundas de qualquer latitude, sejam ellas cultivadas nos campos, ou nas estufas dos opulentos jardins. As rosas, cultivadas com esmeros d'arte, chegam a perder a faculdade de reproducção, porque os estames se transformam em folhas, quando o horticultor força a natureza transformando os elementos da vida em objectos de luxo, por excessivo progresso. E todavia, as rozas que escapam a esta morte violenta da faculdade reproductora da

especie, por mais deteriorada e deturpada que esteja a raça, voltam ao estado bravo quando são abandonadas, isto é, degeneram para o typo primitivo, conforme a região.

O trigo não, nem existe no estado selvagem, nem tem perdido até hoje a faculdade germinativa, nem degenera para typos selvagens. É por sua natureza um delicado, um nobre, e um rustico civilisado. Accomoda-se sim, resigna-se á sua sorte, modifica os seus caracteres n'um ou n'outro sentido dentro de certos limites, conforme as terras, o clima e a região em que o homem lhe presta culto, cultivando-o, cultivando a terra, e cultivando-se a si. Parece que a cultura do trigo inspira no homem a necessidade da cultura do espirito. O trigo, como a especie humana, não tem região sua propria, o que tem é terra propria, é como o homem e as nações que teem patria e casa propriamente sua.

Parece que nunca foi abandonado pelo homem historico, civilisado europeu, pois aliás teria desapparecido a especie, como desapparece de todas as terras abandonadas onde a natureza é inculta e selvagem, e onde tantas outras plantas existem e medram. O trigo deve ter sido, e é ainda, um dos principaes elementos da vida e do desenvolvimento da intelligencia das raças mais distinctas e mais civilisadas, porque não se encontra bravo e foge dos diversos logares da terra quando o homem os abandona. Esta circumstancia notavel, commum a algumas hortaliças companheiras do homem, não é vulgar nas outras plantas. E' uma observação curiosissima para que nem todas as pessoas teem talvez reparado. Se o homem foge ou abandona a terra, o trigo cessa positivamente de reproduzir-se, em pouco tempo morre abandonado, asphyxiado, roubado pela concorrencia da pirataria cosmopolita das plantas e animaes selvagens de todos os paizes sem guarda e sem dono. A maior parte ou quasi todas as outras plantas, ainda que sejam abandonadas pelo homem, se são proprias da região, lá vão resistindo, e lá vão vivendo sem saudades, não precisam cuidados, governam-se sem governos civilisados, progridem sempre, porque matam e usurpam o logar das outras, são progressistas por indole e natureza.

Não tenho provas para o poder affirmar como regra geral, mas ha numerosas cidades antigas e modernas, nucleos de grandes civilisações intelligentissimas, nascidas ou pelo menos estabelecidas em logares proximos ou immediatos ás boas terras de trigo ou cereaes. Lisboa é uma d'ellas, e foi de Lisboa que sairam as cellulas que descobriram quasi metade do mundo. Assim como a sociabilidade culta é a semente da civilisação dos povos, o trigo ou a sua cultura parece ser a semente da intelligencia ou da comprehensão reciproca dos interesses dos homens e dos seus deveres communs.

A faculdade germinativa do trigo é tão vivaz que, tendo sido semeado algum que foi encontrado em ruinas de cidades muito antigas, nasceu e fructificou. Outras plantas ha, cujos fructos perdem essa faculdade em poucos dias. Isto mesmo parece indicar que o trigo tem em si os germens das civilisações, transmissiveis pela sua intervenção atravez de longos periodos de barbaria.

Não se poderá dizer que todos os cereaes sejam plantas de origem desconhecida; porém a sua cultura é que não prescinde de tra-

balhos que desenvolvem a intelligencia, a previdencia e o amor de conservação da terra, a qual, cousa notavel, póde produzil-os indefinidamente, dentro de quantidades compativeis com as suas forças, limites que não podem ser ultrapassados por excessos, abusos ou desejos immoderados do homem contra a força productiva da natureza. Os sabios Laws e Gilhert produzem trigo ha 40 annos successivos na mesma terra, sem afolhamentos. Nem todas as plantas se sujeitam a semelhante processo culteral.

Depois, a cultura dos cereaes, alem de garantir a vida,—podemos quasi dizer a vida eterna das gerações cultas — indica intuitivamente ao homem a conveniencia da economia e do aproveitamento de tudo que a natureza cria em redor d'elle, excita-lhe o cerebro e o corpo em limites harmonicos, e provoca o seu desenvolvimento atravez das gerações, sem necessidade de descambarem nos vicios das gerações corrompidas como nós pelos exageros do luxo e das commodidades.

O cereal precisa ser primeiro semeado, mondado, guardado, e porduzido no espaço central e restricto do melhor terreno cultivavel da região, antes de ser colhido. Este natural e successivo estudo da natureza, das suas leis, obriga o homem a exercer com moderação as faculdades intellectuaes, e a gymnastica funccional do corpo, a conservar a energia sã das forças cerebraes e das physicas. Quando tem um visinho, outro lavrador que faça o mesmo do que elle, é forçado a pensar nos primeiros deveres de respeitar a ceara alheia, de respeitar o seu proximo, e de reconhecer-lhe os seus direitos. E n'este momento que nasce a civilisação; é então que o homem sente nascer na sua consciencia a sciencia de que o roubo é um crime. Antes d'isso, a apropriação dos bens da natureza e d s outros homens não podiam ser reflectidos senão como um acto natural da força dos mais fortes ou astutos sobre a dos mais fracos e ignorantes.

O apparecimento de dois lavradores cultivadores de cearas contiguas, que se estabelecem juntos, sobre qualquer região da terra, corresponde ao encontro de duas cellulas ou de dois corpos simples, que unidos formam um composto, um novo organismo chamado sociedade civil, ou civilisada, presidida por uma vontade ou uma lei unica superior, a da força da vontade humana a lei do dever emanada da lei ou leis superiores da natureza.

No intervallo das culturas, entre a colheita e a nova sementeira, aproveita a erva e as palhas para crear os primeiros animaes domesticados, podemos dizer, civilisados, que o ajudam no trabalho, que lhe dão o leite e as crias, que lhe servem para transportar-se a si e aos seus productos aos logares ou mercados com os quaes começa a estabelecer relações e a originar o commercio.

Não cria animaes como um nomada ou pastor selvagem, cria-os como um civilisado. Não é um despota, guerreiro, ou bohemio, é um verdadeiro cidadão pacifico.

O trigo é um cereal que, segundo penso, póde ser cultivado em muitas regiões da Africa, e de quasi todo o mundo, a questão está em reservar-lhe a terra mais digna e apropriada ao solar da materia prima de um nobre ascendente das civilisações conhecidas.

O milho é talvez o cereal que, na actualidade, tende a servir de base de alimentação das populações menos antigas que procuram attingir o logar distincto dos mais velhos e nobres povos civilisados. É d'elle que se alimenta quasi todo o Novo Mundo.

Além de ser, chimicamente, um alimento cujos elementos nutritivos estão mais bem repartidos, é um dos mais economicos, proprio para os menos abastados, por ser mais completamente absorvido. Segundo affirma um distincto medico especialista francez Germain Sée. «o milho contém apenas 90 % de albuminatos, mas é manifestamente a mais feculenta das substancias e ao mesmo tempo a mais gorda, e sob esta dupla relação, excede os melhores cereaes.» Esta notavel quantidade de gordura dá ao milho propriedades de um meio d'engorda e de um alimento reconstituinte a ponto que em Italia é o alimento popular conhecido com o nome de *polenta*. Tem-se-lhe notado o defeito de provocar a doença chamada *pellagra*, mas não é exacto. Quando não está atacado por um parasita chamado *verdarame*, como o demonstrou mr. Roussel, o milho justifica plenamente a sua reputação alimentar.»

Por esta opinião authorisada vê-se que a sciencia nem sempre nega o que a pratica tem demonstrado em Italia, e tambem em Portugal, onde, segundo o nosso sabio professor Ferreira Lapa, no regimen alimentar portuguez, o trabalhador do campo, que come pão de milho, é robusto, e até melhor alimentado do que os d'outras nações da Europa.

Creio que, na Africa, o milho e o painço são já bastante cultivados pelos indigenas.

O arroz é outro cereal que constitue a base alimentar de uma terça parte da humanidade, pois a China e a India vivem relativamente bem com o arroz, no seu clima, com a sua temperatura e o seu meio.

O centeio era a base de alimentação do nosso povo, antes da introducção do milho, e é ainda em outros povos.

A cultura dos cereaes é essencialmente civilisadora, e como tal deve merecer a maior solicitude aos governos das sociedades cultas e de todas aquellas em que se pretende implantar uma solida civilisação futura.

O café, o assucar e outras culturas que não são immediatamente aproveitadas para alimentar directamente as povoações mais proximas, ou que excedam as suas necessidades, não teem o cunho civilisador dos cereaes, podem considerar-se antes como industrias de exportação, que é util proteger para augmentar a riqueza sem prejuizo das outras, porque o amor exagerado dos especuladores póde obrigar a transformar uma grande região n'uma só cultura de exportação susceptivel de ser anniquillada por outra similar que se estabeleça n'outra parte, e deixar o paiz a morrer de fome.

É certo que a cultura dos cereaes tambem póde ser uma cultura industrial de especulação, como se faz na America e nos paizes exportadores, e por isso supponho que a sua exportação convem ser prohibida, salvo em casos excepcionaes de colheitas abundantes que coincidam com fomes em outros paizes governados por leis imprevidentes, que não pensam na fome senão no dia em que lhes bate á porta.

Não é mau, para qualquer paiz, que se montem grandes culturas ou mesmo emprezas de cultura de cereaes, comtanto que o seu fim não seja exportal-os, porque, quanto mais se exportarem, mais faltam ao paiz e mais lhes elevam inutilmente o preço, que convem ser sempre regulado pelas necessidades reaes e preventivas de cada povo.

É nas horas e dias de descanço, emquanto o lavrador acompanha o trabalho organico e gratuito da natureza, que o homem, por mais selvagem que seja, se faz artista ou industrial, procurando imitar a natureza e creando productos seus, da sua reflexão, do seu espirito, que se eleva, sem chegar a profundar os altos mysterios; porque, nos momentos precisos, a terra lhe chama a attenção, obriga-o a largar a arte e a industria, para se occupar das fainas que se succedem em prasos fataes determinados pela natureza, isto é, pelo tempo verdadeiro, pelos meteoros e pelo céo, e não pelo tempo médio das tabellas dos relogios das fabricas nem das secretarias. Póde dizer-se que o sentimento do bello nasce na agricultura e morre nas fabricas, nas secretarias e nas repartições publicas.

*

*   *

Encaremos agora a questão das colonias debaixo de outros pontos de vista, em que não estou bastante habilitado a entrar com competencia, mas que não posso deixar de encarar d'um modo geral, muito embora commetta erros de detalhe, que espero me serão relevados, para poder exprimir as minhas idéas.

O nosso direito sobre as colonias é o de conquista, dos fortes sobre os fracos, da força maior sobre a menor. Comtudo, nem a superficie e rigeza das terras, nem o numero das gentes, pódem ser tomados precisamente á letra, para medir a desigualdade das forças.

Para mantermos e justificarmos o nosso direito, nós que somos um punhado de homens relativamente pobres, vivendo n'um canto da terra á beira mar plantado, não devemos abusar do nosso direito, para podermos usar da nossa força; e por esta razão supponho que devemos, quanto fôr possivel, dirigir os nossos esforços no sentido sincero de preparar a futura emancipação e independencia das colonias, sem abusarmos dos meios, que acaso nos pareçam momentaneamente tentadores, para as explorar, accelerando o seu progresso material, com prejuizo da sua civilisação. Imagino que as nossas pequenas forças devem ser empregadas não só para corrigir abusos dos indigenas, mas principalmente para lhes dar, ceder e respeitar os seus ligitimos direitos em tudo que fôr justo. Não sabemos, nem ninguem póde prever, quaes e quantos estados virão a existir na Africa.

As forças militares e navaes são elementos immediatos de força material; as missões os de força espiritual, de alcance mais elevado. Entre estes dois extremos está o commercio e a industria, que devem respeitar e não explorar o direito de propriedade e segurança das terras cultivadas, ou da agricultura.

Os governos das colonias supponho que devem quanto possivel ser

confiados a militares, ou officiaes sérios, honrados, energicos e prudentes, que personifiquem o brio militar, e cujo timbre deve ser a intransigencia com negociantes menos lizos, de qualquer nacionalidade.

As missões, esse arduo encargo, só póde ser, como é, exercido por crentes, verdadeiros martyres da fé, do dever e da religião.

Comparados a estes, temos a citar os exploradores desinteressados, nacionaes e estrangeiros, como foram os benemeritos Serpa Pinto, Capello, Ivens e outros, verdadeiros martyres de um outro genero, a quem poderiamos chamar martyres do verdadeiro lado bom do progresso da civilisação moderna, da sciencia humana, da geographia que esta benemerita sociedade tão proficua e generosamente tem concorrido para enriquecer.

E' necessario que os grandes serviços *civilisadores* prestados pelos exploradores e pelos missionarios, não possam ser explorados nem prejudicados por tropelias de negociantes cosmopolitas ambiciosos ou por funccionarios corruptos, que aproveitem, em seu beneficio immediato, trabalhos feitos, e riscos afrontados para fins mais elevados.

Os nossos benemeritos exploradores tomaram sobre si a espinhosa tarefa de provar ao mundo, com documentos authenticados pelos seus actos, e sem necessidade de massacres, que a fibra do pequenino reino de Portugal não está de todo extincta. Souberam e conseguiram concentrar nas suas personalidades uma especie de herança transmittida pelos velhos Portuguezes que mais nome teem dado á nação e porventura á humanidade civilisada, pelas concepções audaciosas e desinteressado alcance com que abriram os olhos a quasi metade do mundo, e lhe mostraram o mais monumental de todos os mercados commerciaes.

Foi uma conquista positiva e certa, grande de mais para ser conservada por um povo possuidor de tão pequena materia, de tão pequeno corpo, e de tão grande espirito!

Não guardou Portugal o exclusivo da invenção, não guardou o expolio, nem elle cabia em forças humanas, mas não póde deixar de guardar, orgulhoso, o direito e a gloria de ser admirado pelas gerações!

Se não fossem as nossas imaginações ardentes, outros teriam feito as descobertas, é verdade. Mas qual é a descoberta scientifica que não teve um descobridor, e um demonstrador? E' a eterna questão do ovo de Christovam Colombo!

Adeante faremos as comparações entre a antiga sciencia, fecundada e enriquecida pelas intelligencias praticas e claras dos nossos venerandos antepassados, e as sciencias theoricas ensinadas nos livros modernos, fabricados em parte para negocio, recreio ou condimento excitante de paladares variaveis, de cerebros amolecidos, pela mania do estrangeirismo cosmopolita. Sciencias theoricas importantes, que ensinam tudo, mas não adiantam tanto quanto inculcam ao mundo nas suas pomposas e douradas encadernações.

Que importa que tenhamos perdido uma parte das nossas conquistas?—Perdeu-as acaso o mundo?—Ainda que Portugal desappareça da carta geographica, ainda que das raças humanas chegue a desappa-

recer a ultima gotta do sangue portuguez immortalisado por Affonso d'Albuquerque e outros varões illustres, ninguem ousará negar que foi o engenho, a fé e a força de vontade d'essa raça de heroes intelligentes, que dotou o mundo conhecido e sabido com a sciencia de quasi metade do mundo ignorado e desconhecido até então!

Assim foram os Portuguezes, e, felizmente, o reino de Portugal ainda não é uma lenda, e os nossos exploradores que estão vivos são uma prova de que o sangue portuguez deve correr ainda em algumas das nossas veias limphatisadas de modernismo.

Somos Portuguezes, senão na alma no nome, senão por dentro por fóra; e ainda que não seja senão por honra do nome, por honra da firma devemos ter fé em nós, sem descrermos dos estranhos.

Devemos respeitar os progressos e maravilhosas conquistas de todos os sabios modernos, mas é chimerico, e quasi pueril, attribuir-lhes importancia comparavel á que tiveram e teem ainda as nossas descobertas e conquistas, sobre as quaes temos, senão o direito de posse, o direito da primogenitura.

*
* *

O que é para admirar nos modernos, é o engenho astucioso com que as grandes intelligencias cosmopolitas teem conseguido transformar a virtude das grandes cousas em vicio das pequenas pessoas!.

O que é para admirar é a subtileza com que os commodistas sabios, e não sabios, teem conseguido transformar a sciencia, as artes, o trabalho e o capital de todas as gerações e civilisações passadas, n'um utilitarismo egoista de obras publicas e particulares de recreio e regalo para a nossa geração gozar, sem remorso nem cuidados pelas outras que estão para vir!

É uma verdadeira geração de vandalismo utilitario, de paes prodigos, e filhos rebeldes, febrilmente occupados em deitar abaixo tudo que não possa ser reduzido a dinheiro, a commódidades, a prazeres superfluos para uso da vadiagem, e martyrio inutil dos que trabalham por gosto!

Pois quê? Ha alguma consciencia genuinamente portugueza que ouse affirmar, em nome de qualquer sciencia justa, que nós temos direito para gastar em obras monumentaes ou utilitarias um ceitil, sem que — primeiro e não depois — nos sacrifiquemos, façamos publicas economias, tiremos ao necessario o preciso, para crear fundos e reservas, para gastarmos em nosso uso, para comprarmos cousas, embora uteis, mas desnecessarias, que os vindouros hão de pagar, sem terem sido consultados? E hão-de elles ser forçados a recebel-as usadas, em segunda mão, deterioradas e perdidas, sem appellação nem aggravo, sem outros recursos legados por nós para as conservarem senão as dividas que lhes deixamos?!

Ha infelizmente quem defenda estas doutrinas, e as defenda de boa fé, como alguns fanaticos pela sciencia da economia politica, mas fazem-no decerto por estarem em erro, illudidos, sem reflectirem que

estão sendo cumplices da tyrannia do progresso, contra a liberdade da civilisação! Não foram os portuguezes que inventaram nem descobriram esta nova sciencia.

É pois contra estas modernas theorias de mercantilismo egoista, traduzidas pela escravatura do homem livre, disfarçadas em progresso civilisado, que o espirito verdadeiramente generoso e civilisador do genio portuguez se deveria oppôr, reagir e protestar, pelo menos no paiz e em todo o mundo onde ainda irradia o debil som da sua voz quasi muda, paciente ou enfraquecida!

Não cabe aos portuguezes a gloria de terem dotado o mundo com a sciencia da economia politica, nem com a invenção da polvora. Paciencia. A pobreza de invenções ou de meios não deshonra ninguem, mas a grandeza d'alma enobrece a todos, e as grandes idéas não teem patria nem privilegios.

Occupam muitos as suas horas d'ocio a ler e a admirar com inveja as grandes descobertas dos caminhos de ferro, os tunneis collossaes, a abertura do isthmo de Suez, a phantastica realidade da torre Eiffel, e outras obras d'arte industrial, verdadeiros caprichos feitos muitas vezes para dar nome aos que não teem genio e prazeres, commodidades e ganhos aos que não teem que fazer, nem sabem como occupar o seu tempo nem o seu dinheiro. Tudo isto é bom... quando não é mau, quando não prejudica ninguem.

Uma grande parte d'estas obras, nascidas de ambições egoistas, não teem alcance nem arte, são ephemeras como os espiritos tacanhos da época que as concebeu. Época que só pasma, como as plebes ignorantes, diante dos ouropeis, e da rapidez fulgurante dos fogos d'artificio, que resumem o ideal d'uma geração cuja intelligencia só reflecte o effeito immediato da cousa sem pensar no alcance futuro da obra.

Se as nossas debeis forças não dão para mais, protestemos ao menos contra a urgencia das grandes cousas não urgentes, de effeito immediato, de aspirações inopportunas.

Se passarmos d'estas para outras sciencias, que tambem não inventámos, se reflectirmos na importancia que alguns curiosos modernos pretendem attribuir a certas conquistas e descobertas de valor real, como são as do sabio Darwin e outros, vejamos tambem a medida do seu alcance:

Verifica-se que na natureza existe uma lei pela qual os fortes teem mais força do que os fracos, o os fracos transformam-se, atrophiam-se ou morrem quando não teem força para resistir á acção dos fortes; logo a lucta pela existencia, logo a lei da concorrencia pela vida. logo, dirão os outros, a lei do roubo e dos piratas, logo a morte aos portuguezes que são pequenos e fracos!

Desgraçada e illudida geração, que perde o seu tempo a adorar e a dar o logar de honra ao velho bezerro d'ouro, e a sciencias e a leis naturaes tão velhas, e tão vulgares, que já eram conhecidas nos tempos barbaros e primitivos, dos povos e dos homens prehistoricos, em que os mais fortes até comiam os fracos!

Illudida geração, que proclama em nome da sciencia, sem alma nem consciencia, que o homem é um animal, a civilisação uma chimera, e

a força bruta uma virtude moral! D'onde nasceu pois a alma dos portuguezes velhos, mais novos porém do que os barbaros e mais pobres do que os povos ricos seus contemporaneos?

Todavia Darwin é um sabio respeitavel, porque interpretou a sciencia positiva como ella é, quando se limita apenas a verificar tudo que é velho e passado. A sciencia não tem por missão enriquecer os sabios; estes é que enriquecem todos os dias a sciencia.

A sciencia, como o dinheiro, é um capital morto e improductivo, se os homens sabios e não sabios a não fecundam com o seu espirito e com o seu engenho; mas, ainda assim, nem todas as sciencias teem igual importancia, igual alcance.

Muitas das obras de engenheria moderna não logram durar alguns seculos. Estão condemnadas a desapparecer, desfeitas em ferrugem, ou em entulhos de lama, pela acção da mathematica viva e implacavel do tempo. Hão de passar como relampagos diante das obras collossaes dos romanos e egypciòs, umas monumentaes e outras utilitarias, que parecem zombar da acção dos seculos!

Mas passemos sobre todas ellas, ponhamos em paralello, não só pelo lado glorioso e monumental, mas pelo lado utilitario, ponhamos em paralello todas as obras antigas e modernas de gregos e troyanos, francezes, inglezes e allemães, antigos e modernos, e comparemol-as com a nossa grande obra, com as nossas immortaes e monumentaes conquistas?!!

Não abrimos canaes dispendiosos, abrimos mares nunca d'antes navegados, que não pagam direitos de travessia como o canal de Suez; mostrámos terras nunca d'antes conhecidas, como a Ilha da Madeira, essa perola que os portuguezes desentranharam das brumas mysteriosas do oceano, quando era bruto e solitario esse diamante que lapidaram, e onde encarnaram o brilho da sua vida, a vida humana, conservando-o como uma joia do diadema do mundo civilisado e culto! Fizemos finalmente um imperio, o Brazil—sem massacres, sem extreminios!!

E depois? chegámos agora a um tal estado de abatimento que até nos envergonhamos de ser portuguezes, quando nos estranham o facto de não termos redes de caminhos de ferro, portos artificiaes, e outros pretendidos e pretenciosos melhoramentos; criticando-nos e ridicularisando-nos por conservarmos ainda alguns dos nossos costumes indigenas tradicionaes e herdados! Chegámos a ponto de não procurarmos sequer distinguir a verdadeira da falsa sciencia, que nos é inculcada como infallivel.

Tambem Veneza foi grande, e Ormuz um collosso de riquezas orientaes, como a Ethiopia, a Arabia, a Persia e a India, no tempo em que nós eramos pobres de riquezas e de sciencias theoricas de importação; no tempo em que eramos pequenos de corpo, mas intelligentes e grandes d'alma, lavradores na terra, soldados e navegadores no mundo que conquistámos para a civilisação européa, sem pedirmos juros do capital gasto, nem das vidas perdidas, nem indemnisações de guerra; porque o nosso instincto ideal é a paz, a generosidade e a intelligencia clara da verdadeira civilisação, a intuição do futuro.

O feitio do nosso caracter não deve deixar-se perder, convem ser

acalentado, ainda que não seja senão como propaganda, por nosso bem e porventura dos estranhos; porque basta que os generosos trabalhem embora rudemente, como o lavrador, só por seu interesse exclusivo, para não poderem deixar de irradiar de si o bem, para não deixarem de ser fatalmente uteis, necessarios, e até agradaveis aos outros.

Pelo contrario, os egoistas, por mais finos e utilitarios que pareçam, são sempre movidos pelo instincto natural da sua especialidade, são o que são, usam e abusam de todos os interesses mesquinhos, aproveitam as migalhas e com ellas se vão enchendo, a ponto de usurparem positivamente para si as qualidades e as propriedades dos outros. A boa fé degenera em stulticia, quando explorada pelo servilismo interesseiro dos finos e dos especialistas de industrias.

Ha effeitos de reptil no genio do egoista, ha apparencias de aguia no genio do generoso.

Tire-se aos portuguezes a parte illusoria, que artificialmente lhes tem sido enxertada no cerebro e no corpo pelas falsas sciencias de muitos livros escriptos para exportação; deixe-se-lhes a parte san da sua intelligencia, da sua alma e da sua historia; deixe-se que a natureza se lhes desenvolva dentro do seu meio natural, e dentro de limites compativeis com as suas forças, e com o estado geral do progresso e da sensatez dos outros povos,—e estou convencido que os nossos apparentes deffeitos hão-de desapparecer, para fazer pouco a pouco sobresahir as nossas naturaes qualidades. Ellas hão-de impôr-se por si, da mesma fórma que os nossos naturaes defeitos encontrarão correctivo nas qualidades distinctas e naturaes, no convivio e educação dos estrangeiros, que nos impõem e nos obrigam a respeital-os.

A nossa indolencia não deve desanimar-nos; é devida em parte a este grande calor, que se oppõe a que possamos produzir tanto trabalho como os paizes frios. Somos simultaneamente brandos, doceis e passivamente tenazes na vida normal: mas somos rijos, rudes e enthusiastas até ao delirio febril nos rapidos momentos d'enthusiasmo supremo. O clima influe na raça, e por isso achamos ás vezes massada o que realmente é excesso de calor.

Temos poucas idéas, mas não somos ideotas; porque, se é certo que nos falta o genio para inventarmos diariamente as varias novidades que tornam interessantes os jornaes de modas, temos concebido e realisado grandes idéas na historia do progresso da civilisação do mundo!

A nossa estatistica d'idéas é mesquinha para pequenos periodos d'annos, mas parece que as incubamos e concentramos durante gerações inteiras, para apparecerem de tempos a tempos, como faiscas electricas, na historia do nosso pequenino paiz independente, que, quando se sente apertado, levanta-se e grita unisono: nós queremos e temos fé no futuro, e quebramos as algemas.

Não é como progressistas modernos que havemos de conquistar as riquezas alheias; é como civilisadores que havemos de crear riquezas nossas; porque é esse o nosso antigo genio e caracter. Não devemos aspirar a expoliar ninguem; só podemos aspirar a não sermos expoliados de todo.

O desinteresse com que nos empenhámos na abolição do trafico

da escravatura, sem grande preoccupação pelos prejuizos que essa medida humanitaria podia trazer ao desenvolvimento de riquezas, mostra que o nosso instincto póde ser e é ás vezes pouco calculista, pouco methodico na fórma pratica de fazer as cousas e de tirar partido d'ellas, mas mostra tambem que é elevado na essencia. É ás vezes tão exagerado que chega a sacrificar as cousas positivas ás idéas abstractas, que, digam o que disserem, são as que inspiram a fé, e dão a confiança e tenacidade indispensaveis para os grandes engrandecimentos, irrealisaveis por um só homem, por um só governo, mas realisaveis por qualquer pequeno povo amigo dos seus concidadãos, amigo dos seus amigos, sem odio aos estranhos nem pretenções a conquistar-lhes as suas riquezas nem as suas propriedades, e onde todos sejam por um e um por todos. Vejamos agora a questão pelo lado ridiculo, que mais agrada á nossa educação moderna.

O utilitarismo moderno, ou melhor, o industrialismo, essa theoria social cosmopolita que considera a industria como um fim e não como um meio de vida do homem e das sociedades politicas, tem feito taes progressos á custa da verdadeira civilisação dos povos, que não seria para admirar se vissemos decretada, em qualquer paiz do mundo moderno, uma lei que tornasse obrigatorio o uso dos chapeus de chuva para o exercito, e o das galochas de borracha para a armada. Lei precedida de um relatorio justificativo do alcance pratico de medida tão confortavel e tão util para abrir novos mercados ás industrias manufactoras de artefactos. feitos não á mão, mas á machina! Os capacetes nos exercitos do Meio-dia tambem podem ser encarecidos pela sua robustez confortativa, para resistirem aos ataques ardentes dos raios do sol, sobre o craneo do pobre soldado, educado á sombra das escolas municipaes, agonisadas por qualquer systema estrangeirado.

A mania do conforto exagerado póde chegar a transformar as sociedades, que o adoptarem como lei, em dois grupos ou partidos: os mais energicos e habeis de corpo e alma, em gymnastas, grandes acrobatas, espadachins, ou saltimbancos da rua e das praças publicas; e os mais intelligentes e fortes de cabeça, em especialistas de estufa, alimentados com comida meia comida, meia digerida, ou—scientificamente fallando,—bem triturada e *peptonisada!*

Este segundo typo deve ser inimigo irreconciliavel do sol, da chuva e do vento, soffrendo de enchaquecas quando apanha ar, e de pezo no estomago e azias quando acaso prova migas de brôa de milho, azeite, ou vinhos do termo, nos raros dias em que sáe ao campo.

Se o *progresso* é isto que se vê, se continuar d'este feitio, acabarão de vez os lavradores, os caçadores e os cavalleiros. A humanidade não mais será cavalleira, quando todos forem machinas ou peões, divididos em dois partidos: o dos saltimbancos, na rua, e o dos constipados, em casa!

Voltemos ao sério; voltemos á questão das colonias.

Devemos conserval-as para nos enriquecerem? Devemos abandonal-as para não nos empobrecerem mais, ou devemos vendel-as para pagar as dividas que temos contrahido para obras publicas e espectaculosas carissimas, e em geral feitas por favor particular ou por mania de qualquer influente da politica ou da borocracia?

Quaes são os nossos direitos e quaes os nossos deveres para com as colonias?

Não me refiro senão ás africanas, porque das outras possessões não faço idéa do seu futuro.

O que se deve entender por direitos e deveres?

Teem os conquistadores o direito de pôr e dispôr, trocar, vender, ceder ou usurpar a terra conquistada, sem respeitarem o direito de propriedade e de posse, porventura consumada, mas de facto exercida pelos indigenas e não indigenas, no todo ou em parte das terras onde elles habitam?

São essas terras no todo ou em parte constituidas por sertões desertos ou terrenos sem donos, percorridos apenas por tribus selvagens que poisam temporariamente onde lhes convem; ou ha nas colonias terrenos possuidos e cultivados por povoações ruraes livres ou constituidas?

A Africa deve ter de tudo, é materialmente um organismo enorme, em via de formação, um territorio composto de muitas regiões; *populoso, mas pouco povoado*, que tende a seguir por si a evolução natural que provavelmente seguiram os velhos continentes; tende a progredir e a civilisar-se naturalmente, tende a reagir contra os interesses usurpadores e a alliar-se com os amigos.

Os agrupamentos de homens com as suas naturaes tendencias, para o typo tranquillo uns, e outros para o typo expansivo; constituem-se os primeiros em povoações fixas, e os segundos em tribus ou populações errantes ou caçadores.

Os primeiros são os germens de civilisação ou de riqueza territorial adquirida, os segundos de progresso ou riqueza conquistada.

É provavel que, quando os segundos encontram alguma povoação constituida e enriquecida por si, a ataquem, roubem, saqueiem e destruam, quando não prefiram conquistal-a para se estabelecerem como donos ou senhores em paiz conquistado; e n'esse dia cumpre-lhes defendel-o; e n'esse dia vêem-se forçados a ser conservadores e civilisadores.

O direito de conquista, mesmo entre selvagens, não póde ser estavel nem civilisar-se, se não se basear no direito de defeza ou na manutensão da posse da terra, isto é, do direito pacifico de propriedade dos povos conquistados.

Com muito mais razão, os povos civilisados não devem usar do seu direito de conquista, senão até ao ponto de respeitar e de fazer respeitar o direito de propriedade dos que, lá longe, em qualquer terra, saibam, possam, ou queiram, como individuos viver independentes pela cultura da terra.

Uma colonia póde de um dia para o outro transformar-se n'um imperio, como aconteceu com o Brazil.

Em these, quando as colonias não pagam as despezas indispensaveis á sua defeza, não teem razão, para serem defendidas nem protegidas; mas tambem, quando a metropole não tem meios nem força moral nem material para as defender, póde ter de passar pelo desenlace vergonhoso, cruel e injustissimo, dos morgados ou proprietarios arruinados ou roubados pelos seus rendeiros, que não pagam renda das propriedades, se vêrem forçados a vendel-as ou abandonal-as ao

primeiro bando de aventureiros, piratas ou governos que quizerem, poderem ou souberem usurpal-as.

Na pratica, o processo mais engenhoso para estabelecer e firmar relações entre os povos, e enriquecer os que teem e os que não teem riquezas suas, sejam elles nações, colonias, possessões ou cidades livres, ou portos francos, é o da liberdade commercial. O commercio, pelo seu proprio interesse, procura, investiga, prevê e estabelece relações entre os povos, e faz valer os seus productos provocando o augmento e bem-estar reciproco entre os mais distantes paizes do mundo.

Note-se porém que me refiro só ao bem-estar material, e não ao moral, nem á justa proporcionalidade das vantagens reciprocas dos povos.

Quasi todas as nações, todos os publicistas, estadistas, e governos, mais ou menos, reconhecem que é indispensavel conceder as maiores facilidades ao commercio; não por desejo de enriquecer os negociantes, mas de enriquecer os povos.

Ora o verdadeiro movel, perfeitamente natural, do commercio é enriquecer aquelles que o exercem, e não os outros; a riqueza alheia devia ser o fim e não só o meio da acção exercida pelo commercio, mas o verdadeiro fim dos negociantes é a sua propria riqueza, e o seu meio é a riqueza dos outros. Convem portanto distinguir entre commercio, e entre negociantes, porque o commercio é uma arma de dois gumes com ponta e com guardas, e os negociantes são praticos e geralmente intelligentes, mas são homens, e como taes imperfeitos, guardam-se a si e cortam nos outros. Todas as vezes que o commercio usa apenas, sem abusar, é respeitavel; mas quando abusa, (e muitas vezes abusa inconscientemente, sem calcular o mal que póde fazer a terceiros, porque calcula só pelo que lhe convém a si e não aos outros) o commercio, sem consciencia e liberto, póde tornar-se uma cousa suspeita, perigosa, e até nociva não só para a civilisação moral, mas para o proprio progresso material de uma nação ou de uma qualquer industria ou classe productora, sem vantagem nem compensação correspondente para as outras consumidoras.

É principalmente para este ponto que desejava chamar a attenção d'esta benemerita sociedade de geographia, que tem ou deve ter por fim defender e propagar a civilisação e progresso das nossas colonias, da sciencia geographica, e, digamos mais, o bem geral e harmonico de todos os povos, que reunidos constituem a carta geographica.

Esta sociedade não póde nem deve pugnar por principios anti-patrioticos nem anti-progressistas; mas póde afoitamente combater principios anti-humanitarios, e anti-civilisadores.

A liberdade de commercio em mãos anonymas póde ser perigosa, e quando digo anonymas não excluo as sociedades anonymas, sem fiscalisação superior e publica.

Imaginemos que se forma uma sociedade que consegue fazer acreditar aos governos, os quaes — sobretudo quando são dotados da nossa proverbial bôa fé — se deixam seduzir pela miragem gloriosa de serem iniciadores de algum grande melhoramento, que promette trazer grandes receitas, e produzir mundos e fundos ao paiz, e progresso immediato ás colonias; imaginemos que, a troco d'estas miragens, se fa-

zem concessões de terrenos, e subsidiam caminhos de ferro, que com o tempo, e por interesse das emprezas se transformam, não em veias para trazer e levar sangue, mas em tubos de drenagem, para empobrecer as povoações coloniaes, levando-lhes cousas futeis de que ellas não carecem, tirando-lhes as que precisam, e fazendo-as desprezar a agricultura das terras onde cultivam os seus productos de primeira necessidade. Não deverão acaso os governos ter o maior cuidado em indagar se as terras concedidas, ou beneficiadas com pretendidos melhoramentos, são sertões desertos ou se n'ellas se comprehendem, por poucas que sejam, terras cultivadas já, e apropriadas de facto por gentios ou não gentios constituidos em pequenos nucleos de civilisação rural?

Eu supponho que deve haver o maior escrupulo em attender e salvaguardar sempre o respeito pela conservação e defeza da propriedade rural das terras cultivadas. Aliás, é possivel que o governo se veja um dia forçado a sustentar guerras injustas com os naturaes, para manter o respeito nacional, para defender interesses particulares de negociantes com prejuizo da civilisação.

A civilisação póde ser compromettida, sem embargo da riqueza material de qualquer região ter augmentado em valores commerciaes. Póde até ser compromettida tanto mais quanto mais cubiça inspira a outros povos. E' caracteristica a differença que vae entre os exploradores civilisadores, que exploram pela fé e pelo interesse de enriquecerem a sciencia, ou servirem a religião; e os que exploram pelo amor do ganho. Esta segunda classe é a que mais fé merece ao capital, a que mais resultados immediatos traz ao progresso do commercio e da industria, mas póde involuntariamente ser nociva á agricultura e á civilisação.

Se o proprietario ou lavrador indigena perde a confiança na justiça da metropole, se chega a convencer-se de que é por ella considerado como uma raça inferior, um parea escravo ou um animal, é um inimigo que procurará sempre revoltar-se contra o senhor, e está sempre prompto para as pequenas e grandes revoluções prejudiciaes para ambos. Se a metropole se esquece de, em casos de luctas imprevistas, respeitar o direito de propriedade da terra do proprietario indigena, para o ceder ao novo explorador capitalista adventicio, vê-se constrangida a manter o novo possuidor na sua posse por meio da força, e para isso precisa exercer uma acção permanente e despendiosa, precisa de exercitos e marinha para defender as feitorias intruzas, dos ataques, rapinas, represalias, e odio, perfeitamente justificados, dos naturaes, desappossados á força de armas ou de dinheiro. Só com governos muito ricos, muito intelligentes, e muito habeis, isto se póde manter.

Este processo de conquistar, ou antes, de fazer progredir com rapidez a riqueza material das colonias e de tirar d'ellas partido, processo adoptado por algumas nações illustradissimas, é possivel e efficaz durante periodos maiores ou menores de annos ou mesmo de seculos, mas tem o inconveniente gravissimo de incubar o odio das raças, o odio do sangue, isto é, o peior de todos os fermentos das revoluções sanguinarias de que a historia nos dá noticia. O maior inimigo da civilisação é a guerra civil.

Por isso digo que toda a protecção á propriedade agricultada, e com especialidade á cultura cerealifera, é pouca para manter sempre em equilibrio natural o verdadeiro progresso da civilisação das colonias e da paz entre todos os paizes.

Para as industrias coloniaes tambem é conveniente conceder a protecção, principalmente para as que se exercerem sobre productos indigenas; e não ha, em paiz algum do mundo, productos mais indigenas, ou susceptiveis de o serem no dia em que qualquer individuo ou paiz quizer, do que são os cereaes.

Para o commercio, como para todos os commercios, a verdadeira protecção é a liberdade; mas como o seu abuso póde prejudicar as industrias necessarias, paralisar a agricultura e coarctar ou inutilisar a a cultura dos cereaes, e com ella o primitivo elemento civilisador, segue-se que o commercio precisa, até onde fôr possivel, ser subordinado a leis justas e harmonicas, e tanto mais quanto maior fôr a sua influencia concentrada. Refiro-me principalmente ao commercio externo concentrado em portos francos ou cidades livres; porque o interno não me parece que possa comprometter, antes é um poderoso auxiliar da civilisação, pelas relações materiaes e moraes que estabelece entre os civilisados e os selvagens, ou entre os centros e as superficies.

No estado actual das cousas, e attendendo aos interesses creados, não é possivel resolver repentinamente o problema de subordinar o progresso material á civilisação moral, nem esta áquelle. Roma não se fez n'um dia.

Não podemos enriquecer á força as colonias, pois nos faltam os meios; não podemos tirar d'ellas partido maior, porque ellas não teem effeitos realisados com que retribuir-nos, e portanto só com sabias e prudentes leis, inventadas por nós, poderemos, sem nos sacrificarmos a nós nem a ellas, fomentar o desenvolvimento futuro dos seus elementos de vida, fazendo nascer lá a civilisação e a riqueza. Assim iremos preparando o campo culto, que poderá, nos seculos futuros, vir a receber uma parte da nossa população emigrante, que, por necessidade ou interesse, preferir abandonar a patria e procurar fortuna em terras amigas e portuguezas, como foi o Brazil colonia, e como continuou a sel-o como imperio independente alliado pelo sangue e pela lingua. Somos pobres, e o nosso maior interesse é adquirir amigos e não inimigos, ter irmãos e não estranhos, que respeitem a tradição da patria mãe, com a sua mesma orientação moral, que não odeiem a raça que os educou como filhos, sem castigos nem violencias, sem extreminios nem perseguições, mas com protecção e justiça.

O meio que vou indicar, e que peço licença para submetter ao illustrado criterio da commissão africana d'esta sociedade, não é todo original, foi-me suggerido por um dos nossos mais dedicados socios, conhecedor pratico das nossas colonias ; o que lhe acrescento, mas que considero fundamental, é a parte que se refere aos cereaes ; refiro-me como disse, ao sr. Nogueira, que conheci primeiro pela rapida leitura de algumas das suas obras, e que depois tive a fortuna de apreciar pessoalmente.

A obra do sr. Nogueira, intitulada: «A Raça Negra» despertou-me o desejo de conhecer o seu auctor, com o qual sympathisei, por me pare-

cer descobrir no seu modo de ver uma certa independencia de opiniões, que se moldam muito com as minhas, e que me parece terem um certo cunho saliente do caracter generoso e desinteressado dos portuguezes.

A maneira por que o sr. Nogueira defende a raça negra do juizo desfavoravel que a opinião de alguns sabios estrangeiros tem conseguido formar a respeito da sua inferioridade, foi-me não só sympathica, mas coherente, até certo ponto, com o meu modo de pensar.

Não é agora a occasião para tratar d'esse interessante assumpto; mas sempre direi que, aceitando todos os factos provados pela sciencia, e pelo exame dos cerebros das raças inferiores, não conheço argumentos nem factos que demonstrem que essas raças são insusceptiveis de desenvolver a intelligencia, e consequentemente os cerebros, ou os cerebros e consequentemente a intelligencia, atravez dos seculos. Afigura-se-me que é possivel que se desenvolvam unicamente pela necessidade de exercitar esse orgão, como se exercitam e fazem crescer e desenvolver os musculos e outros orgãos, por meio de gymnastica. Ha *raças* distinctas, mas o que é muito mais distincto do que a raça é a *especie* humana, e os negros são homens, e alguns bem mais intelligentes do que muitos brancos.

Se, por uma hypothese improvavel, desapparecesse do mundo a raça branca, supponho que a raça negra possue os elementos sufficientes, para, com o tempo, e com a fatal necessidade de se civilisar pelo seu proprio interesse, e de applicar a sua attenção para procurar e prover á sua existencia, poder vir com os seculos a adquirir uma capacidade intellectual igual e porventura superior á actual capacidade da raça branca. E, se a maioria o não tem feito até hoje, é porque a exhuberante riqueza material do meio em que vive, n'um estado de quasi permanente primavera, onde os fructos sempre sazonados lhe asseguram a vida de cada dia, tira-lhe o estimulo de pensar, de prever, como os povos brancos do norte, os antigos barbaros do norte, cujo meio ou paiz pobre, e os invernos prolongados, sem plantas nem fructos, obrigavam a pensar, a prever, e a calcular, não só o alimento e a provisão do dia seguinte, mas da semana, do mez, e até do anno futuro.

Foi o sr. Nogueira que me suggeriu a idéa de formular o projecto que apresento, e foi a sua obra que me reforçou a opinião que me leva a affirmar a convicção de que a natureza, independentemente da sciencia adquirida pelo homem civilisado, tem tambem os seus meios e processos naturaes de ajudar a civilisação e o progresso com maior ou menor lentidão, conforme o local, o paiz, o meio onde vive o homem, ou a raça indigena de cada região da terra; e são esses meios que a intelligencia do homem civilisado deve reconhecer que convem ajudar, mas não entorpecer nem contrariar com processos artificiaes, nascidos sem duvida dos bons desejos de querer acellerar a marcha do progresso e da ordem natural das cousas, mas que póde ter o risco de as fazer caminhar com uma rapidez incompativel com as leis do tempo e da natureza, que resiste, reage e oppõe-se a tudo que fôr alterar-lhe o seu movimento regular progressivo e eterno.

Esta tendencia natural de desenvolver a intelligencia das succes-

sivas gerações, mediante a influencia do meio e da educação, leva-nos a conjecturar que as sociedades humanas, de qualquer raça, cuja actividade cerebral se exercer no sentido da educação das tribus caçadoras ou conquistadoras, que vivem da rapina, da giria e do roubo, deve produzir cerebros em que as bossas da astucia, do latrocinio, da sagacidade e da reserva, tomem uma proheminencia, sobre a massa cerebral e sobre a conformação dos craneos, desproporcionada. Porém aquelles cuja actividade fôr exercida na agricultura, que precisa simultaneamente pensar em tudo, no passado, no presente, no futuro, nas infinitas e ininterruptas relações do homem com a natureza e com os outros homens; na guarda, na defeza, na administração, na economia da lavoura e na economia domestica, este exercicio complexo deve dar, atravez das gerações, cerebros mais harmonicos, mais bem repartidos, mais sensatos, mais subordinados ao espirito de ordem, de paz, de tranquillidade; n'uma palavra deve dar cerebros mais bem equilibrados, mais perfeitos, embora com bossas menos salientes n'esta, n'aquella, ou n'aquell'outra aptidão especial. As raças ou as sociedades creadas nos meios agricolas e nas terras cultivadas devem ser, por natureza do mesmo meio, dotadas de intelligencias mais cultas, mais bem equilibradas, e consequentemente mais perfeitas, em igualdade de circumstancias, do que as sociedades educadas em exercicios de aptidões especiaes, onde as tendencias exageradas em qualquer sentido produzem verdadeiros abortos da natureza, do bom e do mais genero.

No sentido das abstracções produzem mysticos fanaticos, ou, como hoje se diz, histericos e delicados; no sentido das realidades materiaes do commercio e das sciencias positivas, produzem realistas, materialistas, grosseiros e egoistas. Effectivamente uma das mais intelligentes e completas civilisações de que reza a historia foi a dos Romanos, que nasceu de lavradores.

Como disse, o projecto é simples, reduz-se a uma reforma de pautas, baseada nos seguintes principios geraes, destinados não só a fazer nascer a riqueza e a civilisação nas colonias, mas a mantel-a nos seculos futuros:

1.º —Protecção ou defeza, por meio de direitos aduaneiros, contra todos os productos estrangeiros importados nas colonias, incluindo os cereaes nacionaes e seus derivados. A saida de cereaes será prohibida, para prevenir a futura possibilidade da sua exportação.

Os direitos d'entrada deverão augmentar successivamente e pouco a pouco até á quasi completa prohibição, no intuito de provocar e manter as producções coloniaes,

2.º—Direitos fiscaes fixos moderados d'exportação. Todos os direitos d'entrada e saida devem ser applicados com economia ás despezas financeiras e administrativas das colonias.

Tudo isto, bem entendido, devia ser, como tem sido até agora, acompanhado da manutenção das forças indispensaveis para garantir o respeito pela soberania, baseado sobre a defeza do direito de propriedade dos lavradores, lá estabelecidos, e de todas as outras pessoas e bens legalmente adquiridos ou possuidos sem resistencia.

Para não fatigar a assembléa, parece-me escusado lêr o esboço dos

artigos que aqui tenho resumidamente redigidos n'esta meia folha, e que peço licença para depositar nas mãos da illustrada commissão, á qual espero dever a benevolencia, que igualmente imploro da assembléa, de me desculpar qualquer erro ou exagero com que tenha podido ferir a sua benigna e complacente attenção.

Terminando direi que, se nos tempos em que eramos mais pequenos, sem riquezas, sem forças e sem materias, tivemos espirito e alma para affirmar o que affirmámos; hoje, corrompidos pela descrença do meio e pelo reinado soberano das sciencias positivas e das doutrinas que nos ensinaram, não devemos perder a fé, devemos reagir moderadamente contra os males que nos minam a todos, e confiar um pouco mais no nosso engenho e no nosso espirito, senão para descobrirmos mares nunca d'antes navegados, para affirmarmos uma idéa nunca d'antes definida, e uma lei nunca d'antes conscientemente executada, indicando ao mundo do futuro como d'um continente, hoje bravio e selvagem, se cria, educa e faz nascer, por sabias leis previdentes e protectoras da cultura da terra, um novo mundo de gentes civilisadas.

Bases geraes do projecto destinado a provocar e a proteger o progresso e civilisação moral e material das colonias Africanas pela agricultura

Artigo 1.° Todos os productos estrangeiros, similares aos que se produzirem ou vierem a produzir-se nas colonias ou na metropole, ficam sujeitos a direitos d'entrada successivamente crescentes até attingirem, pelo menos, o dobro ou mais do seu valor, conforme se julgar conveniente para provocar e manter perpetuamente a sua producção.

O augmento successivo de direitos será progressivo e repartido por um periodo não superior a 10 annos.

Art. 2.° O commercio de importação ou exportação de cereaes e de todos os seus derivados, ou estes sejam estrangeiros, ou do reino, será prohibido ao cabo dos 10 annos, e d'ahi por diante só poderá ser exercido excepcionalmente, por licenças concedidas pela auctoridade local, ficando n'esse caso os depositos de cereaes e farinhas, importados, considerados para todos os effeitos fiscaes e estatisticos como armazens alfandegados.

Art. 3.° Os cereaes e seus derivados ficam desde já sujeitos a um direito d'entrada nas colonias successivamente crescente, como qualquer outro producto. E a sua exportação fica desde já prohibida, para a evitar no futuro.

Os cereaes nacionaes e seus derivados ficam sujeitos nas colonias aos mesmos direitos, como se fossem estrangeiros.

Art. 4.° Quaesquer industrias que se estabeleçam com o fim de directa ou indirectamente comprar ou vender cereaes em grão ou em farinha para qualquer effeito que não seja a fabricação directa de pão, biscoito, ou massas alimentares farinaceas, poderão a todo a tempo ficar sujeitas á fiscalisação dos depositos alfandegados, se o governo o julgar conveniente.

Art. 5.º Quando, por qualquer eventualidade imprevista houver de âuctorisar-se superiormente a importação ou exportação de cereaes nas colonias, nunca deverão ser feitas senão temporariamente, e com quantidades licenceadas, e publicamente determinadas nos jornaes officiaes.

Art. 6.º As industrias que de novo se estabelecerem nas colonias poderão requerer ao governo para proteger os seus productos com direitos crescentes; e que serão votados pelo parlamento.

Art. 7.º Os productos exportados das colonias para a metropole ou para o estrangeiro pagarão direitos fiscaes moderados.

Art. 8.º Os productos nacionaes ou nacionalisados sahidos de portos portuguezes poderão pagar direitos fiscaes nas colonias, comtanto que a sua importancia seja inferior e não favoreça a importação de productos vindos de outros portos estrangeiros.

Art. 9.º A importancia dos direitos fiscaes d'entrada e de sahida, cobrados nas colonias, serão applicados ás despezas ordinarias de segurança e administração colonial.